



**“LUTE COMO UMA PRINCESA”: PEDAGOGIAS FEMINISTAS NA EDUCAÇÃO
DAS INFÂNCIAS**

**“LUCHA COMO UMA PRINCESA”: PEDAGOGÍAS FEMINISTAS EN LA
EDUCACIÓN INFANTIL**

**“FIGHT LIKE A PRINCESS”: FEMINIST PEDAGOGIES IN CHILDHOOD
EDUCATION**

Daiane Cecília Cagnin¹

Raquel Baptista Spaziani²

RESUMO

Desde a pequena infância, as meninas são apresentadas aos modos de agir, de se expressar e se comportar por meio de múltiplos artefatos culturais, que, voltados à infância, também são pedagogias de gênero. Este artigo tem como objetivo a análise de narrativas contra-hegemônicas que apresentam às crianças histórias e personagens que tensionam o lugar de submissão da feminilidade ideal. Trata-se de um estudo de caráter exploratório, do tipo documental, no qual analisamos quatro contos de fadas presentes no livro “Lute como uma princesa – contos de fadas para crianças feministas”, escrito por Vita Murrow e publicado no Brasil, em 2019, pela editora Boitatá. Observamos que essas versões viabilizam discussões sobre temáticas importantes, como padrões de beleza e valorização das diferenças, bem como o rompimento das fronteiras de gênero. Por fim, pudemos identificar possibilidades nessas novas versões em relação ao trabalho para a promoção de uma educação que tenha como objetivo a não reprodução de desigualdades, assim como a potencialidade das pedagogias feministas para a educação das infâncias.

PALAVRAS-CHAVE: Contos de fada. Gênero. Educação das Infâncias. Pedagogias Feministas.

¹ Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho

² Doutora em Educação Escolar. Professora adjunta da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista, SP, Brasil.

RESUMEN

Desde la primera infancia, las niñas son introducidas en formas de actuar, expresarse y comportarse a través de múltiples artefactos culturales, que, dirigidos a la infancia, son también pedagogías de género. Este artículo tiene como objetivo analizar narrativas contrahegemónicas que presentan a los niños historias y personajes que enfatizan el lugar de sumisión de la feminidad ideal. Se trata de un estudio exploratorio, de tipo documental, en el que analizamos cuatro cuentos de hadas presentes en el libro “Lucha como una princesa – cuentos de hadas para niñas feministas” escrito por Vita Morrow y publicado en Brasil en 2019 por la editorial Boitatá. Observamos que estas versiones facilitan las discusiones sobre temas importantes como los estándares de belleza y la apreciación de las diferencias, así como la ruptura de las fronteras de género. Finalmente, pudimos identificar posibilidades en estas versiones en relación al trabajo por la promoción de una educación que tenga como objetivo la no reproducción de las desigualdades, así como las potencialidades de las pedagogías feministas para la educación de las infancias.

PALABRAS-CLAVE: Cuentos de hadas. Género. Educación Infantil. Pedagogías Feministas.

ABSTRACT

Since early childhood, girls are introduced to ways of acting, expressing themselves and behaving through multiple cultural artifacts, which, aimed at childhood, are also gender pedagogies. This article aims to analyze counter-hegemonic narratives that present children with stories and characters that tense the submissive place of ideal femininity. This is an exploratory study, of documentary type, in which we analyze four fairy tales present in the book “Fight like a princess - fairy tales for feminist children”, written by Vita Murrow and published in Brazil in 2019 by Boitatá publishing house. We observed that these versions enable discussions about important themes such as beauty standards and valuing differences, as well as the breaking down of gender boundaries. Finally, we were able to identify possibilities in these versions regarding the work for the promotion of an education that aims at the non-reproduction of inequalities, as well as the potentiality of feminist pedagogies for the education of childhoods.

KEY WORDS: Fairy tales. Gender. Childhood education. Feminist Pedagogies.

* * *

Se não empregarmos a camisa de força do gênero nas crianças pequenas, daremos a elas espaço para alcançar todo o seu potencial. Por favor, veja Chizalum como indivíduo. Não como uma menina que deve ser de tal ou tal jeito. Veja seus pontos fortes e seus pontos fracos de maneira individual. Não a meça pelo que uma menina deve ser. Meça-a pela melhor versão de si mesma. Chimamanda Ngozi Adichie

Introdução

São diversos os investimentos sociais para que pessoas plurais correspondam às expectativas binárias de gênero. Tal regulação é reproduzida por grupos, instituições, artefatos culturais, publicitários e midiáticos, de maneira explícita e velada. Esse processo se dá no âmbito da cultura e, nesse sentido, no que diz respeito às feminilidades, características consideradas “essências femininas”, como a subserviência, não dizem respeito a um suposto “destino biológico”, mas sim às pedagogias de gênero que ensinam, desde cedo e de diferentes maneiras, que ser uma menina e mulher valorizada socialmente é estar em acordo com os padrões impostos aos seus corpos e comportamentos (FELIPE, 2012; LOURO, 2008; MEYER, 2007).

Já na pequena infância as meninas são apresentadas aos modos de agir, expressar-se e comportar-se como “mulheres de verdade” por meio dos estímulos à preocupação excessiva com a aparência e com o cuidado dos outros/ambiente doméstico. A oferta de brinquedos e brincadeiras são, muitas vezes, centralizadas na vaidade – maquiagens, bonecas Barbies, salões de beleza – e no trabalho de reprodução social – bebês, vassouras, casinhas. Já os artefatos midiáticos reverberam discursos e imagens que afirmam que a “essência feminina” está no paradoxo entre a inocência e sedução, representando os corpos femininos infantis de maneira adultizada e objetificada sexualmente (FELIPE, 2006; FELIPE; GUIZZO, 2003).

Os artefatos culturais voltados às infâncias também são pedagogias de gênero. Filmes, animações, músicas e livros transmitem imagens de controle indicando uma aparência ideal às meninas e mulheres, relacionada à jovialidade, magreza e branquitude, assim como expectativas em torno de seus comportamentos. Não raramente, tais artefatos nos apresentam narrativas nas quais predominam características como ingenuidade, passividade, amor romântico, centralidade do homem protagonista e rivalidade feminina ao dizer sobre as mulheres da história.

Constantina Xavier Filha (2014) afirma que os artefatos culturais produzem significados e, se cis-heteronormativos, podem instituir desigualdades de gênero de maneira naturalizada. Nesse sentido, temos como interesse refletir sobre as narrativas contra-hegemônicas que apresentam às crianças histórias e personagens que tensionam o lugar de submissão da feminilidade ideal. Para isso, iremos analisar quatro contos de fadas presentes no livro “Lute como uma princesa – contos de fadas para crianças feministas”, escrito por Vita Murrow, ilustrado por Julia Bereciartu e publicado no

Brasil em 2019 pela editora Boitatá, identificando as potencialidades das pedagogias feministas para a educação das infâncias.

Compreendemos o conceito de gênero como uma categoria de análise que nos possibilita refletir sobre a organização social. De acordo com Joan Scott (1995), gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, assim como uma forma primária de dar significado às relações de poder. Nas palavras da autora:

Por “gênero”, eu me refiro ao discurso sobre a diferença dos sexos. Ele não remete apenas a ideias, mas também a instituições, as estruturas, a práticas cotidianas e a rituais, ou seja, a tudo aquilo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de organização do mundo, mesmo se ele não é anterior à organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primária, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária a partir da qual a organização social poderia ter derivado; ela é mais uma estrutura social movediça que deve ser ela mesma analisada em seus diferentes contextos históricos (SCOTT, 1995, p. 15).

Isto posto, entende-se gênero como uma construção social e histórica que desde muito cedo condiciona meninas e meninos a agirem da forma socialmente valorizada. Conforme Thuinie Daros (2013)

Mediante a uma padronização dos comportamentos que são estimulados ou podados de acordo com o gênero, pode-se afirmar que durante o processo de humanização, os sujeitos aprendem com outros membros mais experientes (pai, mãe, colegas, etc.) a ser homem ou mulher, tornando-os adequados ou inadequados em determinados contextos. (DAROS, 2013, p. 173).

Quando as diferenças se traduzem em desigualdades, há a validação de “preconceitos decorrentes da heterossexualidade normativa, da divisão sexual do trabalho, da rigidez de estereótipos de gênero e das hierarquias generalizadas de poder, atingindo pessoas e grupos que ocupam os mesmos espaços sociais” (DAROS, 2013, p. 173). Como aponta a autora, se gênero é uma construção social, torna-se possível criar outras formas de relações que não baseadas nas opressões e violências, buscando romper com as assimetrias de poder e hierarquizações entre os sujeitos.

Levando tais questões em consideração, denominamos de “pedagogias feministas” os movimentos teóricos e práticos que consideram a dimensão social na construção de gênero, dessencializando-o, bem como as relações de poder desiguais decorrentes de tal processo, tendo como horizonte ético-político a transformação social.

Fadas, princesas e bruxas: estereótipos de gênero nos contos clássicos

A literatura ocupa um papel de destaque no processo educativo. Desde a Educação Infantil, as/os docentes leem para as crianças. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, em uma perspectiva de alfabetizar considerando também o letramento, o trabalho com gêneros literários é preconizado. Nos três primeiros anos do Ensino Fundamental, o uso dos contos de fadas é frequente – seja mediante a leitura deleite, leitura compartilhada, reescritas de contos, recontos orais – configurando muitas sequências didáticas.

Os contos de fadas estão presentes na vida das crianças desde muito cedo. Apresentam uma narrativa na qual a/o personagem central deve enfrentar grandes obstáculos e passar por muitas provações antes de vencer o mal. Essas histórias podem fazer com que as leitoras e os leitores se transportem para um mundo de imaginação, entretanto, com elementos os quais vivenciam, refletindo sobre valores morais e questões sociais (BASTOS; NOGUEIRA 2016).

Rodolpho Bastos e Joanna Nogueira postulam que “a origem dos contos de fadas nos remete ao mito, mesmo que os contos sejam relatados de forma casual, cotidiana, otimista e com um final sempre feliz, vez que o mito possui quase sempre um desfecho trágico” (BASTOS; NOGUEIRA, 2016, p. 17). Em relação a isso, Mariza Mendes (2000, p. 125) discorre que “os contos são herdeiros dos mitos, que, por sua vez, se originaram de rituais praticados nas comunidades primitivas”.

Ao longo do tempo, múltiplas versões da mesma história acabam surgindo, visto que as narrativas são recontadas, reescritas e alteradas conforme o contexto histórico e as interpretações das autoras e autores (BASTOS; NOGUEIRA, 2016). Considerando a aventura, o triunfo do bem sobre o mal, o fomento à imaginação e a facilidade da estrutura textual, é comum as crianças gostarem de tais contos, assim como das personagens míticas, como bruxas e fadas. No entanto, muitos apresentam de maneira naturalizada estereótipos de gênero, divisão sexual desigual do trabalho e relações desiguais de poder. Exemplos disso são os contos de fadas dos Irmãos Grimm –

presentes no livro de textos do Programa Ler e Escrever, elaborado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (2010).

As versões clássicas, a serem apresentadas em seguida, têm autoria dos Irmãos Grimm. Conforme Maria Amélia Castro Cotta (2016), eles eram acadêmicos, políticos e desempenharam funções de bibliotecários e professores em uma universidade alemã. Os autores reuniam histórias do folclore alemão a partir de relatos orais feitos pelo povo, mas seus contos também têm influências célticas, eslavas e italianas.

A versão do conto Branca de Neve traz a narrativa de uma menina que, logo ao nascer, perde sua mãe. Seu pai, o rei, casa-se novamente com uma mulher descrita como muito linda, mas vaidosa, cruel e invejosa que tinha um espelho mágico para o qual todos os dias perguntava se havia mulher mais bonita do que ela. Entretanto, um dia o espelho afirma que Branca de Neve era a mais bela. Furiosa, a rainha manda matá-la, mas um guarda poupa-lhe a sua vida. A princesa foge para a floresta e é acolhida por sete anões. Tempos depois, é envenenada ao comer uma maçã oferecida pela madrasta disfarçada. No final da história, Branca de Neve é salva por um príncipe que se apaixona ao vê-la no esquife e se casam.

Nesse conto fica evidente a questão da rivalidade feminina e do etarismo ilustrados pela inveja da madrasta por não ser mais jovem; a fragilidade da protagonista por estar sempre sendo salva por uma figura masculina: guarda, pessoas com baixa estatura e príncipe. Ainda, é perceptível a divisão sexual desigual do trabalho, visto que sete homens a deixavam em casa para que ela cuidasse, exclusivamente, de todos os afazeres domésticos enquanto eles trabalhavam na mina; e, sobretudo, a salvação da personagem por um príncipe.

Em A Bela Adormecida é contada a história de um rei e uma rainha que, embora possuam muitas riquezas, não são felizes por não conseguirem ter um bebê – chamando a atenção a ideia velada de maternidade e paternidade compulsória. No entanto, no desenrolar do conto, concebem uma menina que é enfeitiçada por uma fada furiosa a dormir por cem anos e acordar apenas com o beijo de um príncipe. No desfecho da história, a maldição se cumpre e a protagonista é salva após ser beijada.

Podemos notar que os estereótipos se repetem: a maldição vem por meio de uma mulher raivosa, a personagem principal é dotada de passividade e, novamente, a salvação por uma figura masculina: o príncipe corajoso, aventureiro e destemido. É preciso apontar que ele a beija enquanto está desacordada, ou seja, sem o seu

consentimento e, mesmo assim, os dois se apaixonam e se casam, apresentando às crianças não apenas os estereótipos de gênero, mas também a cultura do estupro.

A banalização da violência contra meninas e mulheres, justificada por uma suposta essência masculina cujo comportamento sexual não é passível de ser contido, também se reproduz pela romantização da objetificação dos corpos femininos, como reflete Renata Sousa (2017) ao considerar a cultura do estupro como o conjunto de práticas sociais e discursos que naturalizam a violência sexual. Um beijo sem consentimento seguido de uma paixão à primeira vista pode ser considerado um exemplo disso.

Na versão de Cinderela a protagonista, após perder sua mãe, passa a morar com a madrasta e as suas filhas, que além de torná-la alvo de zombarias, obrigam-na a realizar as tarefas domésticas. Ao longo da narrativa, ocorre um baile visando à procura de uma moça para o príncipe se casar. Após muitos percalços, Cinderela consegue ir ao baile e o príncipe se apaixona por ela. Entretanto, na saída do baile deixa cair um dos seus sapatos. Assim, o príncipe procura incessantemente pela moça cujo sapato servisse perfeitamente. Ao chegar na casa de Cinderela, a madrasta orienta as filhas a cortarem o calcanhar e um dedo para que pudessem calçar o pequeno sapato. No desfecho da história a protagonista é encontrada e se casa com o príncipe.

Esse conto, não apenas reforça os aspectos anteriores, como a rivalidade feminina, o etarismo, a passividade da protagonista e a sua salvação por meio de um homem, como, também, introduz uma nova dimensão: é legítimo se mutilar, a fim de atingir o padrão de beleza. Esse existe para a manutenção da desigualdade de gênero, na medida em que o valor de uma mulher está em ser escolhida na “prateleira do amor” por um homem e, para isso, há de ser “bonita” (ZANELLO, 2016). Essas lições são ensinadas quando as irmãs de Cinderela, ao tentarem calçar o sapato, são orientadas pela mãe a cortar o calcanhar e um dedo, de modo a apresentar um pé pequeno e delicado, tal como uma “verdadeira princesa” haveria de ter, chamando a atenção do príncipe.

Já na história de Rapunzel, novamente um casal heterossexual é apresentado como infeliz por não conseguir conceber. Ao finalmente nascer a sua filha, essa é entregue a uma feiticeira, em decorrência de um acordo feito anteriormente quando o homem é flagrado por ela em seu território raptando hortaliças para satisfazer o desejo da gestante. No desenrolar da narrativa, Rapunzel é aprisionada no alto de uma torre sendo visitada somente pela feiticeira. Até que um dia um príncipe passa pela floresta e

a ouve cantar, escala a torre e lhe promete resgate, mas a feiticeira os descobre e abandona a protagonista em um deserto e, o príncipe ao se jogar da torre, tem seus olhos furados por espinhos. No desfecho, ele encontra Rapunzel na floresta com seus filhos gêmeos – um menino e uma menina – e tem a visão recuperada quando as lágrimas da protagonista, ao caírem em seus olhos, o curam.

Consoante aos enredos anteriores há a figura de uma mulher com características “más”, apresentada como como vilã. Também, há a questão da tristeza de um casal por não conseguir conceber, a donzela frágil e o homem aventureiro, destemido e salvador. Ainda que o conto narre histórias tristes, tais como a princesa abandonada na floresta com gêmeos e o príncipe que tem os seus olhos furados por espinhos, o amor romântico introduz, mais uma vez, um final feliz de superação das adversidades.

Os quatro contos demonstram aspectos em comum: docilidade e passividade atribuídas às princesas, as representações de maldade nas bruxas, a figura de salvação ilustradas nos homens enquanto príncipes destemidos, aventureiros, fortes e o casamento como única possibilidade de felicidade. A partir disso, pode-se perguntar: como a criança ao ouvir, recontar e reescrever esses contos percebe e acaba internalizando esses papéis e relações? Torna-se imprescindível uma problematização ao se trabalhar com esses contos tradicionais. Nas palavras de Bastos e Nogueira

[...] não podemos ignorar que no seu uso pedagógico, os contos de fada podem reafirmar e legitimar comportamentos baseados em um ideal do que é certo e errado; subjetivam-se as crianças; instrui-se o que é bom ou ruim, normal ou anormal, sempre dentro de uma lógica binária, sem espaço para outras perspectivas, ensinando como ser uma coisa em oposição a outra, como ser homem e como ser mulher. (BASTOS; NOGUEIRA, 2016, p. 24).

Assim, as/os docentes, ao fazerem uso dos contos de fadas na prática, necessitam entender a questão do contexto histórico, os valores da época, bem como as representações imaginárias de suas autoras e autores. Faz-se necessária uma consciência crítica e constante reflexão, a fim de não perpetuar sexismos, preconceitos e estereótipos na prática educativa. Para tanto, é indispensável que haja um estudo e reflexão sobre essas temáticas. Segundo Daros (2013, p. 178-179):

Compreender e refletir sobre a temática exige que professores estudem e conheçam a construção do gênero na infância no âmbito escolar, de modo que estejam preparados para lidar com o assunto, pois as pessoas que estão envolvidas no processo educativo estão

imbuídas por uma visão de mundo que sustenta sua maneira de estar neste mundo, o que se reflete nas relações entre homens, mulheres, meninos e meninas de acordo com as expectativas esperadas.

As reflexões propostas até aqui acerca dos contos tradicionais subsidiarão as breves análises das versões propostas no livro “Lute Como Uma Princesa – contos de fadas para crianças feministas” (MURROW, 2019).

Procedimentos Metodológicos

Este é um estudo exploratório, do tipo documental, em que foi realizada a análise de quatro contos do livro “Lute Como Uma Princesa – contos de fadas para crianças feministas”, escrito por Vita Murrow, ilustrado por Julia Bereciartu e publicado no Brasil em 2019 pela editora Boitatá. Segundo Daros (2013), a literatura pode ser considerada um recurso pedagógico para desmistificar normas, representações sociais e concepções sobre as infâncias. Neste sentido, a escolha por esse livro se deu por compreendermos a importância da inserção de leituras contra-hegemônicas no contexto escolar, questionando as normas de gênero já nas infâncias.

As seguintes questões norteadoras estiveram presentes em nossas análises: a) valores explícitos, morais e religiosos presentes no livro; b) presença de informações preconceituosas que reforçam estereótipos; c) conteúdo pertinente e relevante para crianças; d) acessibilidade da linguagem utilizada; e) ilustrações realistas, objetivas, claras e apropriadas (MAIA, 2005).

As subversões feministas dos contos clássicos

“Lute como uma princesa” é composto por quinze contos protagonizados por personagens mulheres. Em seu prefácio, a autora dirige-se às crianças dizendo que havia participado do Jubileu das Nobres Monarcas, uma conferência organizada para as líderes dos reinos encantados compartilharem ideias e sucessos. Ao encontrar as princesas, notou que estavam irritadas pelas versões das histórias que eram repetidamente contadas sobre elas e descontentes com a ideia que foi passada ao longo do tempo sobre “ser princesa”: uma vida sem aventuras e emoções, apenas preocupada com a aparência.

Dessa forma, a autora propõe a escrita de um livro recontando suas verdadeiras histórias e, de certa forma, já trazendo a concepção de princesa que será adotada: aquela que ajuda as pessoas, está aberta a aprender coisas novas e sempre busca dar mais sentido à própria vida e às das pessoas que a cercam. Então, há um convite para que as crianças as conheçam.

Branca de Neve e a valorização da beleza interior

O conto Branca de Neve se inicia apresentando uma família formada pela rainha Branca, pelo rei Branca e a filha do rei que havia nascido de um casamento anterior: a princesa Neige Branca. Quando o rei é convocado a viajar para cuidar de soldados feridos, a sua esposa assume o reino e os seus deveres reais, como aparições públicas, palestras, jantares oficiais e trabalhos beneficentes. No entanto, ela passa a se incomodar, pois, apesar de desenvolver uma boa gestão, os jornais só traziam notícias sobre a sua aparência e a cobravam a seguir um padrão de beleza. Aos poucos, rende-se a tais cobranças e passa a se importar com as notícias das revistas de fofocas, cremes e loções de embelezamento, deixando de lado os discursos relativos à gestão do reino que outrora planejava.

O espelho até se quebra com o excesso de falas autodepreciativas. Então, a rainha encontra a propaganda de um espelho mágico chamado Merecida Sina, que promete fazer elogios sinceros. Em paralelo a essa personagem, encontra-se a princesa Neige Branca, descrita como alguém que ama ler jornais de princesas e príncipes ao redor do mundo. Aprecia também loções e poções, mas não de uma forma tradicional: gosta de glitter, cores vibrantes e tatuagens de rena. O conflito entre as duas se inicia quando a rainha tenta impor padrões de beleza, tais como o uso de corset para afinar a cintura da princesa e sugere que utilize menos maquiagem. Neige Branca tenta argumentar sobre a não existência de uma aparência perfeita, mas a rainha não cede, pois sofre com a tentativa de atingir um padrão de beleza que beira ao irreal.

Diferentemente do conto tradicional, a princesa faz suas malas e resolve acalmar os ânimos indo acampar no bosque. Entra em uma casa com sete gnomos e pede hospedagem por dois dias. Enquanto isso, no castelo, a rainha continua perguntando ao espelho sobre a sua aparência. Embora seja sincero em relação à beleza da rainha, diz que a próxima capa da revista será sobre a Neige Branca. O espelho assume, então, uma posição de vilania, colocando a rainha em oposição à princesa: a instiga a dar um pente

mágico a ela, fazendo com que seu cabelo se torne inteiramente branco. No entanto, quando isso ocorre, Neige Branca parece não se importar.

Em seguida, o espelho sugere que a rainha dê uma poção encantada à princesa, a fim de fazer com que adormeça e não apareça na capa da revista. Caso deseje a reversibilidade, deve tocar a testa e dizer: “Levante e brilhe”. A rainha aceita, prepara uma cesta e a princesa acaba consumindo a poção e adormecendo. Os gnomos a colocam em uma estufa para que possa descansar.

A mudança da rainha acontece quando ela encontra o kit de tratamento para cabelos Medusa, que a princesa havia comprado e já tinha sido alvo de críticas. Ao ver a caixa se mexer, a rainha liberta cobras que vão explorar o quarto de Neige, fazendo com que ela observe os seus pôsteres, roupas e jóias. Então, a rainha consegue a inspiração que tanto precisava para uma tão aguardada festa. Isso faz com que ela se sinta mais forte e com pensamentos mais claros. Dirige-se ao bosque, toca a testa da princesa e profere as palavras que a fazem despertar.

Neige Branca acorda, vê a rainha com o seu kit de tratamento para cabelos Medusa e a enche de elogios. O desfecho acontece com a madrasta reconhecendo a admiração que sente pela segurança transmitida pela princesa quanto à beleza interior e a conclusão de que foi levada pela pressão da mídia a seguir maus conselhos. As duas inauguram um santuário de beleza interior e Neige passa a trabalhar para banir os espelhos mágicos de todos os reinos. Já a rainha passa a ministrar seminários sobre diversão com cosméticos e tecelagem, ressignificando os fios do corpete – agora utilizados como cadarços para coturnos.

A crítica aos padrões de beleza é notória neste conto. Ainda que haja a presença da rivalidade feminina, essa é estimulada pelas revistas e jornais sensacionalistas, bem como por um espelho “vilão”, de modo a problematizar a questão. Audre Lorde (1997), em seu poema “Bons espelhos não são baratos”, alerta-nos sobre os perigos dos padrões e normas que, de modo muitas vezes velado, produzem sofrimento:

É uma perda de tempo odiar um espelho
ou seu reflexo
em vez de interromper a mão
que constrói o vidro de distorções
discretas o suficiente para passarem
despercebidas (s. p.).

Ainda que passem despercebidas ou, até mesmo, de maneira naturalizada, as insatisfações com a aparência não são frutos de uma “essência feminina”, excessivamente preocupada com o embelezamento. Tais lições sobre feminilidades são repetidas à exaustão pelos artefatos culturais e midiáticos, associando o valor de uma menina e mulher à beleza. De acordo com Naomi Wolf (2018), as revistas voltadas ao público feminino têm como objetivo manter as meninas e as mulheres em um estado de desprezo por si, a fim de vender produtos de embelezamento, assim como de modo a aprisioná-las nas questões individuais, afastando-as da atenção com a sociedade e a humanidade – e, conseqüentemente, de espaços de poder e decisão, que são delegados aos homens.

Assim, parece ser subversivo haver um conto que tensione a produção social da preocupação com a aparência em meninas e mulheres, podendo ensinar às crianças a importância das múltiplas expressões da beleza e os laços de solidariedade entre mulheres.

Bela Adormecida e a inclusão social

Um casal de reis desejava ter uma filha, pois o reino ao lado acabara de ganhar um herdeiro, Felipe. Após adotarem a bebê Aurora, realizam uma festa de boas-vindas a ela, porém esquecendo-se de convidar a Fada Nebulosa, ranzinza, grosseira e tão sensível ao sol que utilizava óculos escuros constantemente. A Fada repreendeu os reis por não terem a convidado e, assim como fora enfeitiçada com a sensibilidade ao sol, o que dificultou sua vida, lançou um feitiço na bebê, desejando que sua família percebesse como era difícil andar pelo mundo solitária, sem amigos e sem convites para festas. Aurora foi amaldiçoada com um sono inconveniente, insuportável, e, caso a princesa tentasse lutar contra isso, correria o risco de furar o seu dedo em uma roca quando se tornasse adolescente, entrando em um sono profundo.

As fadas tentaram, em vão, desfazer o feitiço. E, assim, encaminharam a princesa a uma clínica de sono na floresta – mesmo com os reis tristes pela distância. A princesa foi crescendo e tentando se divertir como era possível. No entanto, frequentemente caía no sono ao realizar as suas atividades. Começou a não ter mais amigas e amigos, restando somente seus pais, as fadas e seu amigo de infância, Felipe, ao seu redor.

Incentivada por sua rede de apoio, a princesa começou a pesquisar mais sobre o seu sono. Iniciou uma rotina de sonecas, cuidou da sua dieta e do seu plano de nutrição, além de construir uma academia no chalé para se fortalecer e combater a maldição. Passou a escrever artigos sobre sua experiência com distúrbios do sono, inscreveu-se em um curso avançado para se formar em Medicina, além de dar palestras e conferências sobre a temática.

No entanto, como a maldição previu, Aurora tropeça e fura o dedo em uma roca. Felipe e as fadas se deparam com a princesa em um sono profundo e a levam ao castelo de seus pais. O reino se mobiliza para ajudá-la, fazendo com que especialistas da clínica do sono publiquem os artigos da princesa e convoquem outras pessoas que sofriam com o sono excessivo a se apresentarem.

Assim, há no reino uma difusão de ideias sobre a necessidade de compreensão e acolhimento às diferentes formas de existir no mundo, o que deixa a Fada Nebulosa sensibilizada e reflexiva sobre as questões da inclusão social. Ela desfaz o feitiço e se alia à Aurora na criação do Centro de Estudos para o Sono e Diferenças Circadianas, visando ajudar todas as pessoas a encontrarem o melhor de si. Ao final do conto diz-se que o reino, unido pela compaixão, comemora as diferenças, havendo espaço para cada um.

São muitos os aspectos interessantes em *A Bela Adormecida*: ruptura com a heteronormatividade, ao apresentar uma família homoafetiva e a adoção; uma protagonista ativa e curiosa, que busca se conhecer e respeitar as necessidades de seu corpo, por meio do conhecimento científico; a relação de amizade e parceria que tem com Felipe, ampliando as noções do amor para além do romântico; o cuidado entre mulheres por meio da preocupação das fadas com o bem-estar da Aurora. No entanto, é a delicadeza como a questão da diferença vai se transformando ao longo da história que mais nos chama a atenção.

Se no início do conto há uma Fada rabugenta que faz um feitiço para que a princesa vivencie algo próximo de sua realidade, e isso é compreendido como uma maldição, já no final podemos perceber laços de solidariedade e celebração das diferenças, como nos mostra o seguinte trecho:

Compartilhar as dificuldades de Aurora, em suas palavras, tinha um efeito mágico. Inspirava pessoas e criaturas mágicas de todo o reino a compartilhar as histórias do que as tornava diferentes e de como sofriam também. O exemplo da princesa lhes

deu coragem, e começaram a expor suas necessidades e ensinar aos demais sobre as próprias diferenças (MURROW, 2019, p. 81).

Talvez a Fada Nebulosa, cujo nome real era Joia, estivesse tentando mostrar às pessoas do reino o sofrimento produzido pela exclusão social. O lugar de vilã atribuído a ela era injusto e fruto de uma não escuta às suas questões. Pesquisadoras e pesquisadores da área da deficiência, mais especificamente do “modelo social da deficiência”, apontam a necessidade da construção de uma sociedade que inclua verdadeiramente as pessoas com deficiência, rompendo com as barreiras arquitetônicas e atitudinais que afastam essas pessoas da participação da vida social. A inserção de perspectivas feministas nesses estudos visibilizou a necessidade de articular gênero-classe-raça-sexualidade à dimensão da exclusão social, ou seja, não mais encarar as diferenças como problemas a serem superados (GESSER; NUERNBERG; TONELI, 2012) – como nos mostra a nova versão de A Bela Adormecida.

Cinderela e a busca por justiça social

A protagonista Ella é apresentada como uma jovem que acabara de perder a sua mãe e o seu pai. Ela resolve se mudar para o centro da cidade e leva consigo uma aveleira, que havia plantado em sua antiga casa. Ao chegar na cidade, Ella começa a trabalhar como faxineira, sob condições exploratórias, na casa de uma mulher e suas duas filhas. A jovem, então, demite-se prometendo nunca mais servir a um patrão ou patroa cruel.

Ella abre uma empresa de limpeza de chaminés, ao que passa ser chamada de Cinder-Ella por conta das cinzas em suas roupas. A jovem empreendedora seleciona apenas clientes que oferecem boas condições de trabalho, assim como se preocupa com a contratação de novas funcionárias e funcionários, visando um bom tratamento a elas/eles. Após um tempo, cria a Associação do Trabalho Doméstico, organizando reuniões para as trabalhadoras e trabalhadores compartilharem as suas dificuldades no ambiente de trabalho e escreve para as pessoas que ocupam cargos políticos e ao rei, sugerindo mudanças visando à justiça e à igualdade.

Ao ser convidada para o baile beneficente oferecido pelo rei, a jovem fica triste ao perceber que não tinha roupas apropriadas para a festa, já que vestia apenas macacões gastos por conta do trabalho. Sentada embaixo da aveleira, como sempre fazia quando estava triste, percebe que um vento forte varre o jardim, levantando as folhas e

revelando a presença de uma senhora excêntrica, sua fada madrinha, que a presenteia com um vestido verde e mocassins verde-esmeraldas.

Chegando ao baile, o príncipe logo se encanta pelos sapatos de Cinder-Ella, iguais aos mocassins azuis que calçava. Há uma identificação imediata de gostos, fazendo com que o príncipe e a jovem troquem um dos pés de cada sapato e passem a calçar um azul e um verde.

O príncipe, que não era daquela cidade, disse que havia ido ao baile pelo comprometimento do reino com as trabalhadoras e trabalhadores da região e queria se encontrar com a aldeã que havia escrito a carta ao rei sobre a Associação do Trabalho Doméstico. No entanto, antes de revelar a sua identidade, Cinder-Ella precisa sair correndo ao soar das doze badaladas, pois teria uma audiência com o rei. Tal reunião acarretou a criação de novas leis, as condições de trabalho melhoraram e novas casas foram construídas.

A jovem e o príncipe sentiam falta um do outro e queriam encontrar novamente o seu “outro par gêmeo de sapato”. Em uma nova visita do príncipe à cidade, depara-se com Cinder-Ella, iniciando uma parceria de trabalho e de vida. Após se casarem, Ella se torna primeira-ministra e passa a atuar para aumentar o salário-mínimo das trabalhadoras e trabalhadores do reino. O conto finaliza com a seguinte frase: “este foi o início de uma vida de liderança, serviço e busca de justiça para todos”.

Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser (2019) apontam que um feminismo para 99% deve articular as questões de raça, etnia, gênero e classe. Do contrário, poderá servir à exclusão das mulheres trabalhadoras, racializadas, LGBTQIA+. Assim, a luta pelo bem viver deve considerar a justiça social e a transformação das condições desiguais de trabalho e opressões às quais as pessoas são submetidas.

Cinder-Ella, uma mulher da classe trabalhadora e explorada por outras mulheres no início de seu trabalho como funcionária doméstica, não só busca uma vida digna para si, mas para toda a sua comunidade. Organiza encontros para que as trabalhadoras e trabalhadores falem sobre as suas insatisfações, cria uma Associação e reivindica melhores condições de vida ao rei, mostrando-se ativa e politizada. Ao ascender socialmente, continua a sua jornada na busca por abolir as hierarquias sociais.

Este conto, ao contrário dos anteriores, apresenta um par romântico: Cinder-Ella e o príncipe se apaixonam e se casam. Contudo, a relação é mostrada como uma parceria – e não como uma necessidade para se atingir a felicidade ou uma norma que as

mulheres precisam buscar alcançar. O companheirismo dos dois é representado metaforicamente pelos sapatos iguais, revelando que o amor é construído em uma relação de respeito, admiração e apoio – e não pela dominação e apropriação do corpo do outro.

Rapunzel e o planejamento de cidades inclusivas

Uma feiticeira chamada Gotel propõe a um casal que a criança que está sendo gerada seja a sua aprendiz, fazendo com que ela tenha controle dos poderes mágicos de um jardim. Assim, a menina, cujo nome remete a uma hortalíça, cresce nesse ambiente, desenvolvendo interesse por blocos de construção.

Conforme o tempo passa, Rapunzel, sob a orientação de Gotel, vai estudar feitiçaria e fica reclusa, de modo a exercitar os seus poderes sem colocar pessoas em risco. No entanto, ainda que se esforçasse, a jovem tinha dificuldade em aprender os feitiços tradicionais e, assim, manifestava o seu interesse por construções, fazendo sugestões de melhorias na torre da região, em que só era possível passar uma pessoa por vez. Para que outras pessoas entrassem na torre, era preciso que ela a escalasse e jogasse os seus longos cabelos trançados. Insatisfeita com a arquitetura do local, Rapunzel começa a planejar as melhorias da torre, fazendo reformas.

Certo dia um príncipe com deficiência visual passa pela região e ouve barulhos vindos da torre: era a feiticeira Gotel pedindo para que Rapunzel jogasse as suas tranças com uma chave que a possibilitava subir à torre magicamente, sem a necessidade de escalar os longos cabelos da jovem. Instigado, ele volta no dia seguinte e faz o mesmo pedido à Rapunzel que, ao invés de atendê-lo, desce da torre dizendo não fornecer a chave a estranhos.

Conforme vão se conhecendo, o príncipe expõe a sua percepção de que os espaços não são pensados para pessoas com deficiência visual, causando dificuldades a ele e fazendo com que admirasse o projeto desenvolvido pela jovem. Rapunzel conta que usava a torre para tentar descobrir os seus poderes mágicos, ao que ele responde prontamente que era evidente que o seu dom mágico dizia respeito à arquitetura. O desfecho acontece com a consolidação da protagonista como arquiteta do escritório “Trança Acima”, ajudando no planejamento e construção de espaços para todas as pessoas.

Novamente a questão da deficiência é abordada nos contos do livro “Lute como uma princesa”, visibilizando não só a representatividade de pessoas com deficiência na literatura infantil, mas também a importante ideia de que são as barreiras atitudinais e arquitetônicas que promovem a exclusão dessas pessoas – por isso pensar em uma exclusão social, e não individual (GESSER; NUERNBERG; TONELI, 2012). No conto Rapunzel, o príncipe tem um novo papel: não mais par romântico e salvador, mas portavoz das reivindicações de pessoas com deficiência visual.

Nesse sentido, ele aponta a necessidade de que as cidades incluam as pessoas com deficiência – rompendo com a noção de que são as pessoas com deficiência que devem se adequar a uma sociedade capacitista. Ao expor as suas dificuldades, o príncipe também expressa as suas vulnerabilidades e sofrimentos, algo apartado da masculinidade hegemônica, representada como sempre forte, agressiva e racional. Assim, ensina as crianças que aos meninos também é possibilitado falar sobre suas dores e serem salvos quando necessário.

Por fim, é preciso salientar que todas as personagens apresentadas na história são negras e negros, algo incomum nos contos de fadas que reverberam a lógica da branquitude. O ideal da feminilidade associado à pureza, bondade e cuidado, é representado pela aparência de princesas brancas, magras e jovens. O mesmo ocorre com os príncipes, representantes da masculinidade hegemônica e, portanto, viris e corajosos.

Analisar as questões de gênero de modo desarticulado às dimensões de raça e de classe pode incorrer na universalização “da mulher” e “do homem” – reforçando não só o binarismo, mas também não complexificando o entendimento sobre como os marcadores sociais da diferença atravessam a vida dos sujeitos. Ao encontrarmos personagens negras e negros em papéis sociais potentes, temos a possibilidade de subverter a lógica racista das princesas e príncipes que conhecemos até então.

Considerações Finais

Tendo em vista que a literatura infanto-juvenil, sobretudo o gênero literário contos de fadas, ocupa um lugar importante no que tange às práticas docentes, concretizando-se em leituras, escritas e reescritas, pretendemos refletir sobre as pedagogias de gênero presentes nos artefatos culturais. Embora sejam contos que evocam a fantasia, a imaginação e despertam o interesse das crianças, é evidente que os

contos tradicionais, muitas vezes utilizados e presentes nas práticas pedagógicas, ilustram relações de gênero demarcadas, colocando a figura feminina, a princesa, sempre de forma passiva, dócil, frágil, que necessita de uma figura masculina que a salve das suas situações difíceis. Por sua vez, essa figura masculina, quase sempre representada pelo príncipe, remete às características ativas, tais como a coragem, a aventura, a força e o potencial de salvação. O desfecho, quase sempre, termina em casamento.

É importante destacar que, ao problematizar tais lugares sociais, não buscamos estabelecer verdades ou criar uma norma sobre como deve ser uma “princesa feminista”, mas sim explorar as maneiras diversas de ser e estar no mundo. Compreendemos que a literatura, como uma manifestação artística, pode também servir à denúncia de opressões e construção de novas possibilidades de se vivenciar as diferenças, os corpos e o gênero – não mais de maneiras hierarquizadas.

É indispensável, no ambiente escolar, haver práticas que visem refletir com as crianças sobre as questões de gênero, atentando-se para que não haja reprodução e reforço de sexismos, machismos, preconceitos e a dominação do masculino sobre o feminino – e, até mesmo, tensionando os binarismos. Em se tratando dos contos clássicos, não é preciso deixá-los de lado, mas, ao fazer tais leituras, procurar problematizá-los. Assim, faz-se necessário que professoras e professores tenham consciência da importância de se trabalhar com essas questões.

Ao trazermos alguns contos do livro “Lute Como Uma Princesa – contos de fadas para crianças feministas”, pretendemos elucidar que novas versões dos contos de fadas são potentes para trabalhar as questões das diferenças, romper com as fronteiras de gênero, possibilitando evidenciar que há muitas formas de ser e estar no mundo. As princesas, representadas como mulheres fortes, ativas, inteligentes, que cuidam de seus interesses sem depender da figura masculina, ilustram figuras diferentes das tradicionais. Os príncipes representados atuam como companheiros e não são postos como salvadores.

As quatro novas versões abordadas trazem a representatividade negra; incluem deficiências; valorizam as diferenças. Do mesmo modo, apresentam personagens femininas que rompem com o padrão da princesa tradicional, desconstruem padrões de beleza, abrangendo também reflexões sobre classe social, heteronormatividade, masculinidade hegemônica e famílias plurais.

Uma vez que as normas produzem opressões, violências, vigilância e desigualdades, torna-se potente lançar o olhar para os contos de fada contra-hegemônicos, como uma forma de contrapor o binarismo, o racismo, o etarismo, o capacitismo e a desigualdade de gênero. Em suma, as novas versões dos contos de fada apontam para a diversidade e possibilitam um trabalho educativo, fazendo com que as diferenças sejam celebradas e o respeito seja construído, ensejando reflexões que possibilitam uma educação crítica e emancipatória por meio de pedagogias feministas.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 94 p.
- ARRUZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%**: um manifesto. São Paulo: Boitempo, 2019. 127 p.
- BASTOS, Rodolpho Alexandre Santos Melo; NOGUEIRA, Joanna Ribeiro. Estereótipos de gênero em contos de fada: uma abordagem histórico-pedagógica. **Dimensões**, Espírito Santo, v. 36, n. 1, p. 12-30, jan./jun. 2016.
- COTTA, Maria Amélia Costa. Das pesquisas acadêmicas sobre os contos de fadas ao universo político e literário dos Irmãos Grimm. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v.27, n.2, p.172-191, mai/ago, 2016. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/3519/pdf>. Acesso em: janeiro de 2023.
- DAROS, Thuinie Medeiros Vilela. Problematizando os gêneros e as sexualidades através da literatura infantil. **Revista Práticas de Linguagem**. v. 3, n. 2, p. 172-186, jul./dez.2013.
- FELIPE, Jane. Relações de gênero: construindo feminilidades e masculinidades na cultura. In: XAVIER FILHA, Constantina. (org.). **Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012, p. 217-226.
- FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. **Pro-posições**, v. 14, n. 3, p. 119-130, set./dez. 2003.
- GESSER, Marivete; NUERNBERG, Adriano Henrique; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. A contribuição do modelo social da deficiência à Psicologia Social. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 3, p. 557-566, 2012.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, mai./ago. 2008.
- LORDE, Audre. Bons espelhos não são baratos. In: DIFUSÃO HERÉTICA. (org.). **Textos escolhidos de Audre Lorde**, 1997. Disponível em:

https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-da-populacao-lgbt/obras_digitalizadas/audre_lorde_-_textos_escolhidos_portu.pdf. Acesso em: janeiro de 2023.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Diálogos sobre sexualidade com a criança In: MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; MAIA, Ari Fernando. (orgs.). **Sexualidade e Infância**. 1 ed. São Paulo: CECEMCA/ UNESP, 2005, p. 61-72.

MENDES, Mariza B.T. **Em busca dos contos perdidos: o significado das funções femininas nos contos de Perrault**. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000. 148 p.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2007, p. 9-27.

MURROW, Vita. **Lute como uma princesa: contos de fadas para crianças feministas**. São Paulo: Boitatá, 2019. 96 p.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Ler e escrever: livro de textos do aluno**. Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação. 3. ed. São Paulo : FDE, 2010. 194 p.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 20, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SOUSA, Renata Floriano. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. **Estudos Feministas**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 9-29, jan./abr. 2017.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. 297 p.

ZANELLO, Valeska. Dispositivo materno e processos de subjetivação: desafios para a Psicologia. In: ZANELLO, Valeska; PORTO, Madge. (orgs.). **Aborto e (não) desejo de maternidade(s): questões para a psicologia**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016. p. 103-119.

Recebido em setembro de 2022.

Aprovado em janeiro de 2023.